

**Comunicado de Davide Prosperi,
presidente interino da Fraternidade de Comunhão e Libertação,
ao Movimento Comunhão e Libertação
por videoconferência de Milão, 29 de novembro de 2021**

Cantos:

- *Canzone dell'ideale (Parsifal)*
- *La strada*

Boa noite a todos. Primeiramente, obrigado por estarem presentes esta noite, embora tendo sido avisados com pouca antecedência. Agradeço-lhes também a paciência com que aguardaram um esclarecimento sobre as perspectivas da condução do nosso Movimento, depois de termos recebido a notícia da demissão de Pe. Julián.

Garanto-lhes que este meu obrigado a cada um de vocês não é formal. Estou profundamente convencido de que a atitude respeitosa e cheia de olhar positivo e esperançoso, que vi em muitos de vocês nestas semanas, é um fruto precioso da educação na fé que nós recebemos nesta companhia.

Nós cantamos “É bela a estrada para quem caminha...” (C. Chieffo, “La strada”, in *Canti*, Milão: Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2014, p. 241). Portanto, continuemos o nosso caminho sem parar: a estrada é bela e segura, não precisamos temer nada porque, diz o Senhor, “estarei contigo, eu pus uma mão sobre o teu coração” (C. Chieffo, “Canzone dell'ideale (Parsifal)”, in *Canti*, op. cit., pp. 223-224). Isso ficou imediatamente evidente pela chuva de mensagens e cartas que recebi neste fim de semana em resposta à carta que lhes escrevi no sábado à tarde. Este já é o primeiro testemunho de que estamos em caminho. E de que estamos em caminho juntos. Obrigado mesmo.

Eu propus a vocês um breve encontro para partilhar as decisões que dizem respeito à vida do Movimento nesta passagem delicada da nossa história.

Por esta razão, quero fazê-los partícipes do fruto da conversa que tive com o Cardeal Kevin Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, ocorrido na quinta-feira passada, 25 de novembro, retomando sinteticamente o conteúdo da carta que lhes escrevi no sábado.

Em primeiro lugar, o Prefeito confirmou que, em caso de demissão do Presidente, com base no art. 19 do Estatuto da nossa Fraternidade, o Vice-Presidente assume seu posto com plenos direitos. Portanto, o Cardeal me reconheceu como Presidente com plenos poderes, especificando que se trata de um mandato interino que se concluirá quando for feita a eleição do novo Presidente da Fraternidade, a qual deverá acontecer respeitando o Decreto Geral emitido pelo Dicastério no dia 11 de junho de 2021. O Prefeito também precisou que em cumprimento desse Decreto, que entrou em vigor em 11 de setembro, a Diaconia Central, em sua atual composição, não pode proceder com a eleição de um novo presidente, e acrescentou que isso não poderá acontecer razoavelmente antes que se tenham passado ao menos doze meses desde a data de início do meu cargo. De fato, este tempo será necessário para preparar as novas eleições, conforme os passos que vou agora descrever brevemente.

Como lhes escrevi, o primeiro ato desta preparação consistirá na aprovação de um novo Estatuto. O processo de revisão terá de prever também consultas internas à Fraternidade. A finalidade dessas consultas é fazer com que as novas normas reflitam o mais adequadamente possível a originalidade do nosso carisma e, portanto, a identidade específica da Fraternidade de CL no seio da Igreja.

Para tal propósito, vou nomear em breve uma Comissão, que terá uma função consultiva a serviço da Diaconia Central da Fraternidade. Darei a conhecer sua composição assim que possível. Quem quer que o deseje poderá, então, oferecer sua própria contribuição à Comissão. O texto do Estatuto da Fraternidade atualmente em vigor está disponível no site reservado aos inscritos.

Durante nosso diálogo, manifestei ao Prefeito nosso desejo de levar adiante este trabalho em estreita colaboração com o Dicastério, verificando periodicamente o estado de elaboração do

documento que será submetido à aprovação final. O Cardeal Farrel, que se mostrou muito acolhedor e cordial, confirmou paternalmente sua disponibilidade em acompanhar-nos neste trabalho, também mediante os seus colaboradores.

Terminado este processo, no devido tempo conseguiremos realizar a eleição dos responsáveis locais e regionais, compor uma nova Diaconia e finalmente designar um novo Presidente da Fraternidade. Permito-me dizer que o que temos pela frente é para nós uma experiência amplamente nova. Portanto, precisaremos de todo o tempo necessário para nos familiarizar adequadamente com os instrumentos jurídicos que serão proporcionados pela Diaconia. Para nos prepararmos, será preciso tomar consciência do significado que a Igreja dá ao direito na experiência da comunhão. Bem sabemos que não é do direito que nasce a vida e que não adianta só apostar nos mecanismos eleitorais para cultivarmos a continuidade e a vitalidade do Movimento. Contudo, não podemos sentir esses aspectos da nossa vida comunitária como irrelevantes ou até contraditórios à natureza carismática da nossa experiência. Dom Giussani nos testemunhou isso ao ser o primeiro a querer introduzir o método da eleição no Estatuto da Fraternidade aprovado pela Santa Sé em 1982. Desta forma, temos de considerá-los cada vez mais pelo que são e servir-nos deles como instrumentos de proteção da liberdade e de valorização da nossa experiência de Fraternidade. É mais um passo de maturidade o que a Igreja nos pede: vivamo-lo como ocasião de crescimento daquilo a que Carrón chamou a nossa “autoconsciência eclesial” (J. Carrón, “Carta de demissão”, 15 de novembro de 2021, *clonline.org*).

Se cada um de nós se disponibilizar a percorrer este caminho, poderemos chegar ao momento das eleições de maneira consciente e tranquila, numa confrontação fraterna entre nós acerca das questões fundamentais que concernem à vida da nossa Fraternidade.

Concluo assim esta devida introdução, na qual tentei expor-lhes da forma mais simples e precisa possível o lado mais técnico das exigências que a Igreja nos faz neste momento. Minha conversa com o Prefeito não se limitou, contudo, a estes temas. Antes, pude dividir com ele os aspectos salientes da vida do Movimento, alguns dos quais não eram de seu conhecimento. Foi um encontro cordial e sincero, no qual o Cardeal manifestou diversas vezes sua estima pessoal pelo nosso movimento, bem como a do Santo Padre.

O Prefeito concluiu a conversa convidando-me a não considerar este período como se se tratasse de um parêntese e recomendando-me que a vida da Fraternidade e suas atividades não sejam suspensas, a fim de garantir a todos nós uma clara proposta educativa. Como prometido na carta, quero agora apresentar-lhes as considerações que julgo mais importantes neste momento.

Agradecimento a Julián Carrón

Antes de qualquer outra consideração, gostaria de expressar toda a minha gratidão a Julián Carrón. Sua última carta foi para mim um gesto de verdade oferecido à nossa liberdade, para nos estimular a assumir “em primeira pessoa a responsabilidade do carisma” (J. Carrón, “Carta de demissão”, op. cit.). Nestes anos tive o privilégio de trabalhar em contato estreito com ele, participando de centenas de reuniões e encontros junto com ele ou em seu lugar, visitando comunidades no mundo todo, oferecendo-lhe minha contribuição ao julgar as situações e as problemáticas que tivemos de enfrentar. Atravessamos juntos as fases mais críticas da nossa história recente e nos ajudamos a fazê-lo, junto com os outros responsáveis.

Julián trabalhou nestes anos com paixão para nos oferecer constantemente uma palavra que nos ajudasse a enfrentar os desafios da época em que vivemos. Falando ao Movimento e vivendo-o conosco, incansavelmente chamou nossa atenção para o evento que uniu nossos caminhos: o encontro com Cristo vivo, aqui e agora, possibilitado pelo fascínio da pessoa de Dom Giussani, pai e mestre, cuja santidade esperamos que a Igreja possa reconhecer logo. De maneira igualmente incansável, Julián nos conduziu a realizar um trabalho sobre nós mesmos, procurando favorecer para cada um de nós um itinerário de amadurecimento da nossa fé, que somos chamados cada vez mais a entender como adesão livre e convicta a Cristo e à Igreja.

Por tudo isso, junto com todos vocês e também em nome de vocês, quero então agradecer a ele.

Um chamado à responsabilidade

Passo agora à parte central da minha fala, que vou articular em dois pontos. Intitulei-os assim: *Um chamado à responsabilidade* e *A comunhão como critério da condução*.

A frase central da carta com que Julián nos comunicou sua demissão chama-nos a todos em causa. “Isto”, afirmou Julián após ter revelado o motivo de sua decisão, “levará cada um a assumir em primeira pessoa a responsabilidade do carisma” (J. Carrón, “Carta de demissão”, op. cit.).

É muito importante fazermos nosso esse convite diante de Deus, que suscitou em Sua Igreja a pessoa de Dom Giussani, e diante da Igreja, à qual se confia, em última instância, todo e qualquer dom carismático, do qual ela mesma é garantia. Sei que vocês estão conscientes de tudo isso, até porque inúmeros de vocês nestes dias me pediram para ser ajudados a aprofundar o significado dessa frase de Julián.

Neste espírito, gostaria de precisar três modos de viver a responsabilidade pessoal que nos é pedida, para contribuir concretamente nesta importante passagem.

Em primeiro lugar, cada um de nós é responsável de si mesmo e de sua fidelidade pessoal ao dom recebido. Nós estudamos isso na Escola de Comunidade, aprofundando o convite inequívoco de Dom Giussani: “Cada um de nós é responsável pelo carisma que encontrou. Cada um de nós é causa de declínio ou de incremento do carisma, é um terreno em que o carisma é desperdiçado ou dá fruto. A tomada de consciência da responsabilidade por parte de cada um de nós é algo extremamente sério, tanto em termos da sua urgência quanto em termos de lealdade e de fidelidade. Obscurecer ou diminuir essa responsabilidade significa obscurecer e diminuir uma intensidade de incidência que a história de nosso carisma tem na Igreja de Deus e na sociedade” (*Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 121). Assim, cada um de nós é chamado principalmente a intensificar seu compromisso de adesão a Cristo no dia a dia. Podemos fazê-lo ao continuarmos levando a sério a proposta educacional que o Movimento nos faz em todas as suas dimensões. Em particular, ressaltar o trabalho sobre os textos da Escola de Comunidade; a contribuição à vida da comunidade à qual pertencemos, a partir do próprio grupo de Fraternidade; a fidelidade ao fundo comum, como gesto de participação nas necessidades de todo o nosso corpo e como educação para concebermos tudo o que possuímos em função da missão da Igreja; e por fim a caritativa.

Pode ser que alguém viva com receio e certa confusão as mudanças que vêm ocorrendo. Não devemos escandalizar-nos com esses sentimentos. Ajudem-nos a responder à circunstância, ou seja, a usar bem o tempo que nos é dado, dia após dia, para que seja fecunda a graça com que Deus salvou a nossa vida, na letícia e na gratidão por tudo o que recebemos nestes anos.

Em segundo lugar, cada um de nós é responsável pela unidade do Movimento. Para mim é urgente insistir a fundo neste segundo ponto, que considero ser neste momento o mais decisivo.

O que é que vislumbramos quando encontramos o Movimento? O que é que nos fascinou nesse encontro, a ponto de arrancar-nos da nossa indiferença e levar-nos a seguir esta companhia? Foi um anúncio, o anúncio de que a vida, a nossa vida tal como é, tem um significado, um destino bom. Um anúncio que suscitou em nós o pressentimento da verdade. E esse anúncio, o anúncio de um significado que traz consigo a certeza de um destino bom, mostrou-se ao nosso coração na forma de uma amizade. Uma amizade repleta de afeição à nossa vida, às necessidades fundamentais da nossa humanidade. Uma amizade que, como Dom Giussani costumava dizer, é “companhia guiada ao destino” (*Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 77). E nós sabemos que o Destino já não é apenas a meta final da nossa existência, mas é um Deus que caminha conosco desde já. O Verbo se fez carne e se fez companhia, amizade ao homem, a mim, a você, por meio da grande companhia da Igreja e do Movimento.

O encontro que nos reuniu produziu entre nós uma unidade profundíssima. Por isso nós sentimos a necessidade da estima das pessoas que estão conosco no mesmo caminho. E nos admiramos quando outra pessoa encontra a mesma história que sentimos como nossa – como aconteceu recentemente com nosso amigo espanhol Mikel Azurmendi –. Por isso, é comum descobriremo-nos

espontaneamente a compartilhar um mesmo modo de julgar as coisas. Por outro lado, é sinal da profundidade do nosso vínculo recíproco também o sofrimento de quem se sente marginalizado ou julgado por outros, como infelizmente sucedeu e ainda sucede entre nós. Que não nos aconteça fazermos que o carisma que nos uniu se torne um pretexto para nos dividir. Nosso pertencer recíproco é o bem mais precioso que possuímos, pois é nele que todos os outros dons nos são dados e conservados. Temos, pois, a tarefa de protegê-lo e alimentá-lo, buscando juntos a verdade que Dom Giussani nos ensinou a amar mais do que a nós mesmos, ou seja, mais do que ao apego às nossas opiniões e aos nossos projetos.

A este respeito, há um texto conhecido de muitos, intitulado “O maior sacrifício é dar a vida pela obra de Outro”, em que justamente no início Dom Giussani diz: “Num dos hinos das laudes cantamos: ‘Ao nosso convívio harmonioso [ou concorde] ajunte-se um hóspede novo’. Concorde: somente uma unidade de povo é verdadeiro sujeito protagonista da história. A palavra concórdia tem um valor metafísico, ontológico, e um valor ético, moral”. E logo em seguida explica: “O valor metafísico e ontológico da nossa concórdia está na profundidade que nossa unidade assume a partir da grande presença de Cristo, que é a única coisa que sabemos. [...] Nós somos tão agraciados que, quem quer que sejamos ou como quer que estejamos, podemos sincera e ingenuamente repetir que não conhecemos nada além de Cristo. Com efeito, nossa concórdia não conhece nada além de Cristo. Deste valor ontológico da companhia jorra seu valor moral: é fruto de uma liberdade. Nossa concórdia é fruto da liberdade” (*L’avvenimento cristiano*, Milão: Bur, 2003, p. 65).

Esta palavra é maravilhosa: concórdia. Concórdia quer dizer ter um só coração. Nós fomos feitos uma só coisa por Cristo; e é só olhando para Ele que encontramos a nossa unidade, só afirmando a presença de Cristo como a única coisa a que estamos apegados de verdade. Com efeito, o que temos de mais caro? Nossa responsabilidade pela unidade do Movimento reside antes de tudo neste ato de liberdade. Responsabilidade do carisma e responsabilidade pela unidade do Movimento estão, assim, intimamente ligadas uma à outra. No mesmo texto, de fato, Giussani diz: “A essência do nosso carisma pode ser resumida em duas coisas: – em primeiro lugar, o anúncio de que Deus se fez homem (o espanto e o entusiasmo por isso); – em segundo lugar, que este homem está presente num ‘sinal’ de concórdia, de comunhão, de unidade de comunidade, de unidade de povo” (*L’avvenimento cristiano*, op. cit., p. 67).

Evitemos portanto, o máximo possível, as críticas estereis ou as condenações mútuas; quando for necessário falar dos outros, façamo-lo com o respeito que nasce da consciência de que Cristo os escolheu e chamou junto conosco. Quanto à responsabilidade específica que foi confiada a mim, como escrevi, desejo ouvir a todos e que todos se sintam ouvidos.

Em terceiro lugar, para assumirmos a responsabilidade do carisma, precisamos cultivar em nós e entre nós uma postura de confiança para com a Igreja e sua autoridade. Dom Giussani nos ensinou que, através dos homens a quem se confia a condução da Igreja, nós obedecemos ao próprio Deus. Pertencer ao Movimento é a forma em que Deus nos chamou a pertencer à Igreja. A obediência à Igreja, mesmo quando implica sofrimento, é portanto a única via que conhecemos para sermos realmente fiéis à história particular que encontramos.

De minha parte, como mencionei agora há pouco, junto com os demais membros da Diaconia, desejo intensificar o diálogo com o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, a fim de dar prosseguimento às solicitações que o Santo Padre nos fez. Cada um de vocês pode apoiar-nos neste trabalho nas formas que especifiquei no começo, mas principalmente nutrindo em si mesmo uma atitude de estima pelas pessoas que a Igreja nos indica como referências autorizadas. Também neste caso, convido-os a evitar entre nós discursos meramente reativos e superficiais, que não ajudam a ninguém. Não devemos ter medo de que, na confrontação com a autoridade da Igreja, a originalidade do nosso rosto fique diminuída.

A comunhão como critério da condução

Quando comuniquei ao Cardeal Farrel minha disponibilidade em assumir a responsabilidade que me era pedida, eu estava bem consciente de que o momento que estamos atravessando é delicado.

Quanto a isso, quero repetir também esta noite o que lhes escrevi no sábado passado. Aceitei o cargo que estou assumindo como ato de obediência ao Santo Padre; e meu único interesse é servir ao Movimento e à vida de cada um de vocês, pelo tempo que me foi designado, tentando, acima de tudo, levar a cabo as medidas que o Dicastério requer de nós.

Mais especificamente, ao viver minha responsabilidade desejo confiar-me à amizade e à colaboração de alguns de vocês, para me ajudarem de maneira específica. Penso principalmente nos atuais membros da Diaconia Central da Fraternidade. Também penso nas pessoas competentes e de autoridade que, graças a Deus, são numerosas entre nós. Penso, por fim, nas muitas pessoas que estimo e que conheci nestes anos ao visitar muitas comunidades na Itália e fora dela.

Além disso, também desejo compartilhar um olhar unitário com as pessoas que conduzem as outras realidades que fazem referência ao carisma de Dom Giussani – algumas das quais, aliás, também estão representadas na Diaconia da Fraternidade de CL –, valorizando a polifonia das várias expressões da nossa grande companhia. Em particular, os Memores Domini, que neste momento vêm sendo conduzidos – como vocês sabem – por Dom Filippo Santoro na qualidade de Delegado Especial do Papa Francisco; quero trabalhar em acordo com ele e com as pessoas que ele indicar. Além disso, refiro-me à Fraternidade São José, que pode ser vista como um braço da própria Fraternidade de CL e reúne muitas pessoas que vivem um testemunho que costuma ser tão humilde quanto precioso nas nossas comunidades; penso nas Irmãs de Caridade da Assunção, que familiarmente chamamos de “Irmãzinhas” e que vivem uma vocação de proximidade aos que sofrem e aos marginalizados, que desde sempre foi um testemunho para todos nós; penso nos monges beneditinos da Cascinazza, que Dom Giussani sempre olhou como o coração contemplativo do Movimento, pois a oração deles sustenta silenciosamente todo o nosso povo; refiro-me à Fraternidade e às Missionárias de São Carlos Borromeu, que vivem sua vocação missionária no sacerdócio e na consagração, anunciando Cristo no mundo inteiro conforme o nosso carisma. Enfim, não quero esquecer-me de Vitorchiano, com todas as suas fundações, bem sabendo que esses mosteiros são lugares de referência para muitas pessoas do Movimento e que numerosas são as monjas que amadureceram sua vocação justamente nas nossas comunidades.

Por todas essas realidades eu vivo, e gostaria que todos vivêssemos, uma estima profunda. Seus membros encontraram nelas a realização do encontro com o Movimento, no qual foram educados na fé. Respondendo à sua vocação, cada um em sua forma específica, esses nossos amigos dão testemunho de que o sentido da vida é Cristo. Aqueles que, como eu e como a maioria de nós, foram chamados ao matrimônio e vivem suas responsabilidades familiares podem encontrar um grande sustento na proximidade às pessoas que se dedicaram a Deus nessas vocações específicas.

Entre estas também estão os padres, diocesanos ou religiosos, que pertencem à Fraternidade de CL e seguem o Movimento. Todos nós percebemos como é preciosa a presença deles nas nossas comunidades, especialmente numa época em que escasseiam as vocações.

A unidade do Movimento e a missão

Por fim, quero dar uma palavra conclusiva a respeito do chamado à missão, que está intimamente ligada à nossa unidade de povo.

Nasceram do nosso povo inúmeras obras educacionais e caritativas, entidades sem fins lucrativos e de serviço, centros culturais e associações que apoiam a vida das famílias, a atividade profissional de professores, médicos, docentes e pesquisadores universitários, profissionais, empreendedores e outras categorias, o compromisso social e político de quem se dedica a ele. Em todo esse mundo variado, nossa dedicação livre e gratuita ao bem comum encontra expressão e concretude. Este é o fruto daquele que se pode considerar o coração pulsante da proposta que nos é feita por meio do encontro com o Movimento: a educação. Daqui nasce tudo.

O nosso povo é generoso, soube construir lugares em que o eu confuso e ferido dos homens de hoje pode encontrar acolhimento, luz e apoio. Eu sinto a urgência, mais do que nunca, de que todos os recursos e as energias possíveis sejam postos a serviço dessa criatividade, que nasce da fé na

qual fomos educados. Agradeço então, desde já, a todos os que vivem o sacrifício diário que lhes é pedido para que um mundo novo já se possa tornar visível no meio das contradições deste mundo.

Temos à nossa frente uma estação de criatividade e de missão. Mãos à obra! Deus nos chama a viver com liberdade e coragem num mundo que espera o anúncio da Sua presença. E nós responderemos a esse chamado se formos testemunhas críveis da beleza do que encontramos.

“A obra da Fraternidade”, ensinou-nos Dom Giussani, “é o incremento do Movimento no serviço à Igreja” (*Attraverso la compagnia dei credenti*, Milão: Bur, 2021, p. 78). Portanto, o Movimento e seu crescimento são a obra que a Igreja entrega novamente em nossas mãos, também neste momento.

Por isso, depois de termos encerrado a retomada dos textos do Dia de Início de Ano e continuando o trabalho sobre *Deixar marcas na história do mundo*, proponho que vocês releiam, durante o mês de dezembro, a carta que Dom Giussani escreveu à Fraternidade em 22 de fevereiro de 2002, por ocasião do vigésimo aniversário do reconhecimento pontifício. De fato, pode ser um auxílio para nós também nesta passagem.

A Igreja nos convida nos próximos meses a fazer um trabalho “entregue à intercessão especial do Servo de Deus Dom Luigi Giussani”, como me escreveu o Prefeito na carta com que me confirmou no cargo. O momento que estamos vivendo, continua o Cardeal Farrel, “requer um trabalho inspirado na oração, na reflexão e na partilha nos diversos níveis do Movimento”. Portanto, peço-lhes que dediquem um momento do dia para rezarem, individualmente ou com outros, o *Ângelus* e o *Hino à Virgem* de Dante (muito caro ao nosso fundador), pedindo que este tempo seja útil para iluminar uma estrada segura na nossa frente, que nos faça experimentar o abraço da Santa Mãe Igreja, a fim de amadurecerem os frutos do nosso caminho no mundo para “a glória humana de Cristo”.

Para nos despedirmos, gostaria de rezar junto com vocês uma oração a São José; este é o ano especial dedicado a São José, a quem eu sou muito devoto, então queria concluir assim:

*Salve, guardião do Redentor
e esposo da Virgem Maria!
A vós Deus confiou o seu Filho;
em vós Maria depositou a sua confiança;
convosco Cristo tornou-Se homem.*

*Ó Bem-aventurado José,
mostrai-vos pai também para nós
e guiai-nos no caminho da vida.
Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem,
e defendei-nos de todo mal. Amém.*

(Francisco, Carta apostólica *Patris corde*, São João de Latrão, 8 de dezembro de 2020, Solenidade da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria)

Veni Sancte Spiritus